Nayara Cristina Albanez

ANÁLISE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ANIMADORES DA COLÔNIA DE FÉRIAS NO CAMPUS - UFMG

Belo Horizonte – MG

Julho / 2013

Nayara Cristina Albanez

ANÁLISE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ANIMADORES DA COLÔNIA DE FÉRIAS NO CAMPUS - UFMG

Trabalho de Conclusão de Curso do tipo Monografia apresentado ao Colegiado de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como pré-requisito para a obtenção do título de licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama

Belo Horizonte – MG

Julho / 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pela força a mim consentida nos momentos de desânimo. E por colocar pessoas tão maravilhosas em meu caminho.

Agradeço a minha família, principalmente a minha mãezinha Cleide, por toda ajuda que me deu em casa para que eu tivesse tempo suficiente para realizar este trabalho e por todas as vezes que me mandou largar tudo e ir escrever.

Agradeço ao Rafael pela imensa paciência durante este difícil período, por me aturar nos momentos de estresse, me ouvir reclamar de tudo e chorar sem parar.

Agradeço ao CSAbes, pelos nossos encontros semanais que me faziam esquecer um pouco do árduo trabalho. Agradeço a Ray, Nat, Poli e Natascha pelas nossas conversas que me ajudaram a seguir em frente.

Aos meus amigos por todas as palavras encorajadoras que não me deixaram desistir.

Ao PET, pelos três maravilhosos anos que me instigaram a realizar este trabalho e por toda ajuda em relação a ele.

Ao ORICOLÉ pelas reuniões que me ajudaram a enxergar qual caminho eu quero seguir e por todo auxilio na realização deste trabalho.

E principalmente ao professor Hélder pela oportunidade e confiança em realizar este trabalho.

RESUMO

O lazer pode ser compreendido como uma área multidisciplinar, que abre espaço para intervenções interdisciplinares envolvendo a ação de profissionais com diferentes formações (Educação Física, Turismo, Terapia Ocupacional, Pedagogia, dentre outras). Nesse contexto é preciso refletir como se dá a formação desses diferentes profissionais que podem atuar no campo e que vêm ganhando cada vez mais espaço no mercado. Um dos possíveis espaços de para a intervenção profissional no campo do lazer são as colônias de férias, que são desenvolvidas em todo país por diferentes instituições. Um exemplo dessas intervenções é o projeto de extensão colônia de férias desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) – Educação Física e Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, denominada de Colônia de Férias no Campus (CFC). Nesse contexto, é realizado um processo de formação dos acadêmicos que realizam estágio na Colônia de férias. Tendo como referência esse processo de formação, as questões desse estudo foram: como se dá a formação profissional dos estudantes envolvidos nesse projeto? Qual a trajetória desse processo formativo? Qual é a perspectiva de formação presente na CFC? Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar a formação profissional do lazer desenvolvida com os animadores que atuam no projeto da CFC. A pesquisa foi caracterizada como bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa documental reuniu os seguintes documentos: Cronogramas de reuniões de formação, textos discutidos nas reuniões, listas de presenças dos animadores nas reuniões de formação, quadro de espaços e programação geral das turmas. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada com o Gestor do projeto. Como técnica de análise de dados utilizei a análise de conteúdos. Identifiquei que a CFC apresenta diferentes etapas no processo de formação dos animadores, são elas: curso introdutório, reuniões de formação, reuniões de planejamento das atividades e a execução das atividades planejadas. Os dados obtidos indicam que a formação na CFC pode se basear na perspectiva de formação de profissional que tem como meta o domínio de conteúdos socializados com as crianças participantes, no entanto, também contempla uma perspectiva de formação técnica, contemplando diferentes domínios. Além disso, a formação busca proporcionar aos animadores os saberes experenciais, atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática do profissional. Por fim, a formação da CFC permite a realização de outras ações, tais como: publicação de artigos em revistas e apresentação de trabalhos em congressos, dentre outros.

Palavras-chave: Colônia de Férias. Formação Profissional. Lazer.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CFC – Colônia de Férias no Campus UFMG

CIA – Conhecimento Identificador da Área

CITA – Conhecimento Identificador do Tipo Aprofundamento

CNE – Conselho Nacional de Educação

DAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

DSG – Departamento de Logística e Suprimentos Operacionais

EEFFTO – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

FUMP – Fundação Mendes Pimentel

IES – Instituição de Ensino Superior

MEC – Ministério da Educação

ORICOLÉ – Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer

PET – Programa de Educação Tutorial – Educação Física e Lazer

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão

Pró-RH – Pró-Reitoria de Recursos Humanos

SESu – Secretaria de Ensino Superior

SESC – Serviço Social do Comércio

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....6

1.1.Trilhando o caminho da pesquisa..... 8

2. O LAZER E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....10

2.1. Panorama sobre a formação profissional em lazer nas IES.....14

2.2. As colônias de férias como possibilidades de formação profissional do lazer.....16

3. A COLÔNIA DE FÉRIAS NO CAMPUS DA UFMG – UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO LAZER.....21

3.1. Em que tempo e espaço acontece a formação na CFC.....26

3.2. Os conteúdos da formação.....28

3.3. Os sujeitos e suas experiências.....32

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....36

REFERÊNCIAS.....39

Apêndice A – Lista de documentos da formação da CFC.....42

Apêndice B – Roteiro da Entrevista.....44

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 45

1. INTRODUÇÃO

Iniciei minha trajetória junto da temática Colônia de Férias, no ano de 2008, antes de me tornar aluna de graduação, quando tive meu primeiro contato através de um trabalho que realizei durante duas semanas no mês de janeiro daquele ano no Clube SESC – Serviço Social do Comércio na cidade de Santa Luzia – MG. Para a realização desse trabalho não era exigido aos animadores nenhum tipo de formação profissional, ou seja, para que pudesse atuar era preciso apenas que tivesse "boa vontade" e paciência para atuar com crianças. Além disso, tive apenas uma reunião para apresentação da equipe e das atividades que iriam ser executadas no decorrer das duas semanas. Nessa colônia atuei como animadora de cerca de quarenta crianças com idade entre nove e onze anos e essa intervenção despertou em mim um interesse em trabalhar com recreação para crianças e adolescentes.

No mesmo ano, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e ingressei no curso de Educação Física. Na grade curricular do curso, tive no terceiro período, segundo semestre do 2009, a disciplina 'Educação Física e Lazer', na qual pude relacionar as atividades recreativas que desenvolvi na Colônia de Férias do Clube SESC com a temática do campo do lazer discutida em sala de aula. Nesse contexto, passei a compreender o lazer:

> como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004, p 125).

Esse conceito me permitiu relacionar os temas colônias de férias e lazer e me levou a buscar conhecimento sobre os projetos de extensão e de pesquisa que pudesse auxiliar nesse debate. Foi então que no final do segundo semestre do ano de 2009 ingressei no Programa de Educação Tutorial (PET) – Educação Física e Lazer, um programa que tem como características desenvolver atividades a partir dos três pilares da universidade (pesquisa, ensino e extensão) e por ser temático essas ações possuem como ponto norteador as relações entre a educação física e o lazer.

Entendendo Colônia de Férias como um espaço/atividade para a vivência de lazer das pessoas em seus períodos de férias (ASSUNÇÃO, 2004), o grupo PET parecia ser a melhor opção que me aproximaria do que desejava pois, possuía, inclusive, um projeto de extensão denominado: "Colônia de Férias no Campus (CFC)".

No Programa PET cada integrante do grupo, além de desenvolver as atividades de ensino e extensão em conjunto, devem desenvolver uma projeto de pesquisa relacionado ao tema Lazer. Como tinha interesse em refletir em aprofundar conhecimentos sobre Colônia de Férias, decidi que esse seria meu objeto de pesquisa. E por isso, fui orientada pelo Tutor do grupo PET a me participar das atividades de um grupo de pesquisa que pudesse me auxiliar nesse debate.

Foi então, que ingressei no primeiro semestre de 2011, no grupo de ORICOLÉ – Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer, composto por professores, estudantes de graduação e pós-graduação. O grupo tem como objetivo contribuir para a produção de conhecimento sobre lazer e formação profissional, através do estudo de temas que tangenciam essa temática, como a relação entre currículo, lazer, políticas públicas de lazer e esporte. As discussões feitas no ORICOLE sobre a formação profissional no lazer, me possibilitaram organizar algumas indagações acerca da formação que é proporcionada aos animadores para atuarem no projeto "Colônia de Férias no Campus". A partir disso, levantei os seguintes questionamentos: como se dá a formação profissional dos estudantes envolvidos nesse projeto? Qual a trajetória desse processo formativo? Qual é a perspectiva de formação presente na CFC? Por isso, esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar a formação profissional do lazer desenvolvida com os animadores que atuam no projeto da CFC, tendo em vista identificar limites e possibilidades desse processo de formação.

Na grade curricular do Curso de Graduação em Educação Física da UFMG, não existe disciplina que trate do assunto Colônia de Férias. Existe uma disciplina optativa que apresenta as diferentes possibilidades de intervenção no lazer, descrevendo as colônias de Férias de maneira geral, mas sem maiores aprofundamentos. No entanto, foi através do desenvolvimento do projeto CFC, que os alunos de graduação puderam se aproximar da temática. De qualquer maneira ainda é um número pequeno de graduando, já que apenas trinta alunos participam do projeto como animadores, em cada versão do projeto.

Essa pesquisa então surge na tentativa de lançar para maiores informações acerca do projeto realizado e consequentemente como uma possibilidade para que outros alunos, profissionais e pesquisadores tenham contato com a temática, tendo em vista que a temática ainda é pouco discutida.

Além disso, para o grupo que realiza a CFC será possível através dessa pesquisa ter um panorama e um diagnóstico sobre a formação dos animadores, no intuito de contribuir com a avaliação do trabalho realizado, podendo, inclusive, gerar mudanças na proposta.

1.1. Trilhando o caminho da pesquisa

Esta pesquisa de abordagem qualitativa, se caracteriza como um estudo descritivo já que se pretende apresentar as atividades desenvolvidas para a formação dos animadores da Colônia de Férias no Campus – UFMG. Assim, para atingir os objetivos deste estudo, foram utilizados como encaminhamentos metodológicos que combinam as pesquisas bibliográfica, documental e de campo.

Para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica utilizei a revisão de literatura com o intuito de que termos centrais da pesquisa fossem familiarizados e que tivesse um domínio sobre eles. Dessa forma, o levantamento bibliográfico foi realizado através do Sistema de Bibliotecas da UFMG e de sites relacionados com artigos científicos. Para esse levantamento foram utilizadas as seguintes palavras chave: lazer, colônia de férias e formação profissional. Através desses termos realizei uma discussão acerca dos conceitos e argumentos utilizados por diferentes autores no que diz respeito ao lazer, as colônias de férias e a formação profissional em lazer.

A pesquisa de campo se caracterizou como um estudo de caso, já que esta pesquisa apresentará um grau elevado de aprofundamento do objeto selecionado para análise (GOMES e AMARAL, 2005), no caso a formação profissional proposta no projeto da CFC.

De acordo com Gomes e Amaral (2005), por se tratar de um estudo detalhado, muitas vezes é necessária a combinação de várias técnicas para a coleta de dados de forma que possibilite a análise. Nesse estudo, então, os dados foram coletados através da pesquisa documental e da entrevista semi-estruturada, a fim de compreender como se dá a formação proporcionada aos animadores para atuarem na CFC, como mostra Trivinõs

> parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam á pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Dessa maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVINÕS, 1987, p.146).

A coleta de dados aconteceu em duas etapas. A primeira delas aconteceu entre março e abril de 2013 através da busca pelos documentos que retratassem a formação da CFC: Cronogramas de reuniões de formação, textos discutidos nas reuniões, listas de presenças dos animadores nas reuniões de formação, quadro de espaços e programação geral das turmas. E a

segunda aconteceu em maio de 2013 através da realização da entrevista semi-estruturada com o Gestor do projeto da CFC. Assim, a amostra deste estudo compreende um sujeito que teve acesso aos objetivos deste estudo anteriormente a realização da entrevista. Para a realização da mesma, foi encaminhado ao entrevistado um termo de consentimento livre e esclarecido e assinado no dia da entrevista, bem como foram apresentadas as questões no momento anterior ao inicio da entrevista.

Para o tratamento dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, descrita por Trivinõs (1987 p.160), que constitui um conjunto de técnicas que privilegia a descrição do conteúdo das mensagens, permitindo a obtenção de indicadores qualitativos que possibilitam a inferência de conhecimentos relativos ás condições de produção das mesmas. As categorias escolhidas para analise foram: formação profissional do lazer e seus espaços, tempo em que ocorre a formação, conteúdos da formação, a relação entre os sujeitos da formação e suas experiências, que foram elencados por estarem no decorrer da transcrição da entrevista e da observação dos documentos analisados.

A monografia foi dividia em dois capítulos, o primeiro contempla a revisão bibliográfica sobre os termos formação profissional e colônia de férias, e o segundo que apresenta os resultados e a análise de dados das pesquisas documental e de campo.

2. O LAZER E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Podemos entender o lazer como uma área multidisciplinar, que possibilita ações interdisciplinares com a atuação de profissionais de diferentes formações (ISAYAMA, 2004). Várias áreas podem se dedicar para promover novos conhecimentos acerca do lazer e da recreação, tais como Educação Física, Turismo, Hotelaria, Pedagogia, Administração, Psicologia, Arquitetura, Sociologia, entre outras. Segundo Stoppa e Isayama (2001) para atuar no campo do lazer é preciso que esses profissionais aprendam uma série de questões gerais sobre a problemática do lazer, além da necessidade de mapear como cada uma dessas áreas poderá contribuir com os seus saberes específicos nos momentos de intervenção nesse campo.

No âmbito da atuação no lazer, há grande envolvimento de profissionais da Educação Física (STOPPA e ISAYAMA, 2001). Por isso é preciso compreender como se dá a formação desses profissionais que atuarão com esse fenômeno, que vêm ganhando cada vez mais espaço no mercado (FERREIRA, 2010). Por isso é fundamental entender que o lazer é um dos campos que estabelece relações com a área da Educação Física. Por isso, é pertinente questionar, como surgiu a relação da educação física e lazer na formação dos profissionais no contexto brasileiro?

Taffarel (1993) retrata que foi somente no final da década de 30 que foram criados os primeiros currículos do meio civil: através da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo e Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, sendo que esta última teve como base o decreto - Lei nº 1212, de 1939, que fixou um modelo a ser seguido no país. E segundo Isayama (2003) “o curso tinha dois anos de duração, caracterizado pela formação curta, que enfatizava a técnica desportiva e os aspectos médicos, militares e higienistas, tão presentes no cenário nacional da época” (p. 182).

Faria Junior (1987) nos lembra que a formação profissional em Educação Física deveria possuir ideais que estivessem de acordo com as instituições de origem. Seu objetivo, portanto, através do seu caráter militar era auxiliar no aprimoramento da raça e no fortalecimento do Estado.

Trinta anos depois dessa primeira proposta de formação de profissionais da Educação Física, esse currículo sofreu alteração, a partir da instituição da carga horária mínina de 1800 horas/aula, sendo ministradas no decorrer de três anos (OLIVEIRA e COSTA, 1999), tendo como foco a aptidão física, que passou a orientar a prática da Educação Física e sua produção teórica. A partir dessa reformulação houve uma multiplicação do número de escolas de formação profissional em Educação Física nas universidades do país, surgindo equipes

universitárias de alto nível, como a equipe de atletismo da Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro, e a equipe de basquete da Universidade Metodista de Piracicaba, no interior de São Paulo (SILVA e CAMPOS, 2010).

Sousa *et al* (1995), afirma que foi somente no final da década de 70 que as discussões acerca do currículo de formação profissional em Educação Física ganham força, partindo da necessidade de debater as determinações aprovadas sobre o currículo mínimo de 1800 horas/aula, por buscarem a ampliação da demanda profissional e a superação da idéia simplista de currículo como rol de disciplinas. Isso porque se estabeleceu nesse período um contexto de abertura política, com a sociedade civil se fazendo presente, passando a criticar o currículo proposto pela resolução 69/69, buscando a identidade e a legitimidade do campo da educação física, o que gerou mudanças de paradigmas (SILVA e CAMPOS, 2010).

Na década de 80 ocorreram mudanças que possibilitaram um olhar vinculado ao campo da Pedagogia, além da criação e a evolução dos primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física e a realização de encontros, congressos e cursos, ampliando também discussões sobre currículos de formação profissional no campo. Em 1987 foi publicada a Resolução nº 03/87, que determinou que o mínimo de 2880 horas/aula deveriam ser considerados nos currículos desses cursos de graduação. Além disso, estabeleceu que o currículo deveria conter dois segmentos: um baseado na formação humanística e técnica, e o outro no aprofundamento dos conhecimentos, que acabou por gerar a modalidade do bacharelado, além da licenciatura que já existia (ISAYAMA, 2003).

Essa resolução inovou, extinguindo o currículo mínimo e organizando o currículo denominado de pleno a partir dos diferentes campos de conhecimento. Sendo assim foi conferido as Instituições de Ensino Superior maior autonomia curricular e cada curso de graduação teve a liberdade para estruturar seus currículos de acordo com o perfil profissional que almejavam e que por outro lado dificultou o acompanhamento da formação profissional no Brasil (ISAYAMA, 2003).

Kunz *et al* (1998) descreve o processo de reformulação geral dos currículos do ensino superior que ocorreu na década de 90, a partir da necessidade de se pensar em alguns ajustes que naquele momento se faziam necessários ao ensino superior. Essa reformulação também instituiu o curso de bacharelado em Educação Física, que além de causar uma descaracterização da especificidade, pois o curso de Educação Física possuía como objetivo formar indivíduos para atuar na Educação Física escolar, tampouco auxiliou na formação de competências específicas, requeridas para atuação profissional nos diferentes campos de trabalho que se abriram fora do âmbito escolar.

Aspectos como esses, além de outros presentes na época demandaram repensar as especificidades dos cursos de licenciatura e de bacharelado no país (ISAYAMA, 2003). Foi então que em 1997, o Conselho Nacional de Educação (CNE) convocou a comunidade acadêmico-profissional para participar do processo de reformulação curricular dos cursos de graduação em Educação Física. Foi escolhida uma Comissão de Especialistas que assessorou o MEC na proposição de diretrizes e na organização curricular de suas respectivas áreas, que segundo Kunz *et al* (1998) sugeriu que o título conferido fosse o de Graduação em Educação Física e que a composição dos cursos deveria abranger duas partes: Conhecimento Identificador da Área (CIA) e Conhecimento Identificador do Tipo Aprofundamento (CITA). Caberia as Instituições de Ensino superior determinar as disciplinas que iriam compor cada uma dessas partes e única determinação seria que a CIA deveria garantir uma sólida formação básica e a CITA deveria ser composta por disciplinas que apresentassem estreita relação com o campo de aprofundamento escolhido pelo graduando.

Essas diretrizes acabaram não sendo aprovadas por vários motivos, um deles é a questão de que a câmara responsável pela Educação Básica considerou que as diretrizes não davam devido valor as licenciaturas. Apesar disso, essas diretrizes contribuíram para o campo do lazer ao proporem as atividades físico-esportivas do lazer como uma das áreas de aprofundamento (ISAYAMA, 2003).

Em 2002, depois de vários debates, o CNE aprovou a Resolução CNE/CP1 de 18 de fevereiro de 2020, em que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica em cursos de licenciatura de graduação plena para aqueles que desejam atuar na educação infantil e no ensino fundamental e médio (SILVA e CAMPOS, 2010). Ainda segundo esses autores, essa resolução gerou novas discussões, que culminaram no parecer CNE/CES n. 0138/2002 em abril desse mesmo ano, que dispõe que as Diretrizes Curriculares Nacionais propõem uma base comum ao currículo, caracterizando a educação física como um campo de intervenção profissional com seus mais diversos objetivos.

Especificamente sobre o campo do lazer, em 1969, a partir da resolução nº 69 de 1969, incluiu os conhecimentos sobre recreação nos currículos dos cursos de educação Física. Segundo Mello (1997), existem fontes datadas de 1920 que trazem preocupações com a formação profissional em relação ao lazer no Brasil.

Anteriormente a resolução nº 03/87, apenas o termo recreação aparecia nos currículos de formação profissional, observa-se que o termo recreação passa a ser freqüentemente

associado ao termo lazer, que a partir da década de 90 passa a fazer parte dos currículos dos cursos de graduação em Educação Física (WERNECK, 2003).

Nas Instituições de Ensino Superior, vários nomes são atribuídos para as disciplinas que possuem como eixo temático recreação e lazer (ISAYAMA, 2003). Nesse contexto a compreensão de recreação como a reprodução de jogos e brincadeiras, evidencia-se uma prática com pouca reflexão que aparece em algumas propostas de disciplinas ofertadas nos cursos de graduação em Educação Física. Essas práticas tem como ênfase a reprodução de atividades diversas, principalmente relacionadas ao conteúdo físico-esportivo. Por isso, Isayama (2002) afirma que a recreação é amplamente difundida como uma "receita" de atividades e propostas, com dificuldades de reflexão e sistematização de conhecimentos teóricos-práticos.

Conforme aponta Werneck (2003) a idéia de recreação tem sido, em sua história, associada ao termo lazer. Por isso, é preciso compreender esses termos para discutir sobre a formação do profissional que irá atuar com o lazer. Entendo lazer, conforme Gomes (2004) como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. Assim, o lazer está presente na vida das pessoas desde a primeira metade do século XX, como demonstrado em muitos estudos brasileiros.

Dumazedier (1979) propõe características especificas do lazer, sendo elas: caráter liberatório (o lazer é liberado de obrigações institucionais e resulta de uma livre escolha), caráter desinteressado (o lazer não está submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, ideológico, social, político ou utilitário), caráter hedonista (o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, em busca do prazer, felicidade, alegria ou fruição) e caráter pessoal (as funções do lazer respondem ás necessidades do indivíduo).

Além disso, destaco a livre escolha, sem fim lucrativo, e a busca pela satisfação. Para Marcassa (2004) o lazer também se constitui como um espaço de educação constante, uma vez que permite aos indivíduos o descanso e a recuperação das suas forças físicas e mentais para o retorno ao trabalho, alivia as tensões, mantém-nos ocupados em atividades que lhes dão prazer e, ainda, promove seu desenvolvimento pessoal e social.

Dessa forma é preciso levar em consideração o duplo aspecto educativo do lazer, proposto por Marcellino (2006):

> Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; a segunda, que para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade (p. 50).

Marcellino aponta que através do lazer podemos educar os indivíduos aguçando-os em suas sensibilidades, promovendo então o desenvolvimento pessoal e social desses indivíduos. Para além disso, é preciso que os indivíduos aprendam como utilizar seus momentos de lazer, compreendendo o significado de lazer e a sua importância (MARCELLINO, 2006).

Se o profissional do lazer irá atuar com essas perspectivas de educação para e pelo lazer, deve levar aos indivíduos informações tais como significado de lazer e sua importância para a vida cotidiana, então é preciso compreender como esses profissionais do lazer estão sendo formados.

2.1. Panorama sobre a formação profissional em lazer nas IES

Em muitas universidades e instituições diversas vem sendo acentuadas a importância da discussão sobre o lazer como um aspecto amplo, cuja abordagem vai além da realização de atividades alegres e divertidas, característica principal atribuída a recreação (ISAYAMA, 2003). O autor aponta que algumas disciplinas de recreação e lazer utilizam a disciplina como um momento de integração e descontração dos alunos, e nesse sentido, a disciplina é vista como válvula de escape e fator de compensação do desgaste decorrente do trabalho escolar. Outro fator presente é que as disciplinas são ministradas nos primeiros períodos, “fase da trajetória acadêmica na qual os alunos nem sempre tem conhecimento mais aprofundado sobre os diversos fundamentos que constituem a área da Educação Física.”

Isayama (2003) deixa claro a necessidade de pensar vivências pedagógicas que possam ultrapassar a dimensão de meras atividades ou válvula de escape. Por outro lado, o que podemos destacar é a metodologia do trabalho que se apresenta como formas de trabalho diversificadas, o que pode propiciar uma relação diferente entre aluno, professor e conteúdo desenvolvido. O autor, ainda, nos atenta que em relação a bibliografia utilizada nessas disciplinas cabe aos professores e alunos definirem como essas bibliografias serão utilizadas, como um rol de atividades ou como base para a construção de um repertório. Desde os primeiros períodos do curso o graduando busca informações acerca dos conteúdos estudados

nos livros e artigos indicados pelo professor, cabendo a esse então contextualizar como essas bibliografias devem ser utilizadas pelo graduando.

Marcellino (2010) trás em seu texto a idéia que se tem sobre a relação entre teoria e prática. O autor retrata a maneira como os termos são utilizados pelo senso comum, gerando um desgaste quanto ao seu entendimento. Segundo o autor

> de um modo geral, entende-se "teoria" como uma especulação, ou como "discurso vazio", desvinculado da realidade vivida no concreto, e "prática" como uso, experiência desvinculada da "teoria", o que transforma, via de regra, em tarefa ou ação desprovida de sentido. (MARCELLINO, 2010, p. 60)

O que o autor salienta é que teoria deve ser compreendida como um conjunto de conhecimentos não ingênuos, que devem se propor a explicar, elucidar, interpretar e unificar um dado domínio de problemas que se oferecem a atividade prática e prática deve ser compreendida como um saber provindo da experiência. Se assim for entendido, a relação entre teoria e prática é possível que haja reflexão sobre a ação (MARCELLINO, 2010).

Para além disso, o autor propõe que para se atuar com o lazer é preciso compreender a teoria do lazer. Se o profissional que irá atuar no campo desconhece a teoria com que está lidando, sua atuação não passará de um mero tarefismo (MARCELLINO, 2010).

Ainda sobre a formação, percebemos que a formação do profissional de lazer no Brasil vem sendo feita através de duas perspectivas. Na primeira perspectiva vemos que a preocupação é com a instrumentalização da técnica e com os domínios metodológicos, privilegiando a familiarização com as práticas cotidianas do animador. Assim a prática se torna o eixo da formação, reduzindo o papel da teoria e fazendo com que a reflexão de cunho filosófico, cultural, sociológico tenha menor importância diante da prática. A segunda perspectiva preocupa-se em possibilitar ao animador o domínio dos conteúdos que devem ser socializados, por meio do entendimento desses conteúdos e seus significados em "diferentes contextos e articulações interdisciplinares" (ISAYAMA, 2004)

Dessa forma, cabe aos professores das disciplinas de lazer conduzir a busca pelo conhecimento dos alunos de graduação não somente através das atividades práticas, mas também auxiliando-os na busca por referenciais teóricos que possam problematizar essas atividades, causando nos graduandos reflexões acerca da temática, para que possam atuar para além do terefismo, como exposto por Marcellino (2010).

Segundo Isayama (2010), pensar em formação profissional em lazer requer pensar em quatro pontos fundamentais para orientar as ações, são eles: a unidade teoria-prática –dois

pontos trabalhados simultaneamente e considerados o “núcleo articulador da formação profissional”; o caráter multidisciplinar do lazer –formar parcerias entre as diversas áreas que tratam do tema, mas ressaltando as especificidades de cada uma; a formação teórica e cultural – o profissional deve buscar participar crítica e criativamente de diferentes práticas culturais, buscando ampliar suas vivências de lazer e manter sua cultura atualizada; e por fim, pensar a formação continuada em lazer.

Apesar dos currículos dos cursos de graduação em Educação Física contemplarem o lazer com algumas disciplinas, a discussão acerca dessa área ainda é pouco difundida nas Instituições de Ensino Superior. Essa questão nos faz refletir se as disciplinas do curso de graduação são suficientes para proporcionar aos alunos a devida formação profissional em lazer.

Segundo Marcellino (2010), a ação profissional pode ter embasamento na própria universidade, através dos projetos de extensão. É necessário estabelecer durante o curso de graduação, alem das disciplinas do curso, projetos que possibilitem ao aluno a experimentação e a reflexão sobre a sua intervenção, para que por meio de uma pratica de reflexão contínua sobre a intervenção profissional, possa proporcionar a formação de profissionais críticos. Nesse sentido, articulação entre teoria e prática constitui-se num importante instrumento para a formação desses profissionais (ISAYAMA, 2003).

2.2. As colônias de férias como possibilidade de formação profissional do lazer

Nos dias atuais, as possibilidades de formação e de atuação profissional no campo do lazer se fazem cada vez mais crescentes (ISAYAMA, 2003). Um dos possíveis espaços de formação e atuação são as Colônias de Férias, que vêm se transformando ao longo dos anos de acordo com os objetivos das instituições que as organizam. No momento em que surgem no Brasil, as colônias de férias se pautam em um contexto higienista e militar, em que a ordem e o patriotismo eram importantes (SILVA *et al*, 2012).

Segundo Steinhilber (1995) a primeira colônia de férias realizada no Brasil aconteceu na década de 1930, no Forte São João, atual Escola de Educação Física do Exército, na cidade do Rio de Janeiro, na mesma década que a recreação surge em nosso país, o que se pode supor que as colônias de férias nasceram como um espaço para a concretização de atividades na perspectiva recreativa.

Nessa época, a educação ganha importância na sociedade brasileira, sofrendo influência da “Escola Nova”, e para cumprir sua função de adaptar os indivíduos à sociedade,

deveria mudar seus aspectos rígidos. De acordo com Assunção (2004) a educação deveria assumir um caráter mais dinâmico e alegre e segundo a filosofia escolanovista os jogos apresentam um caráter altamente educativo e devem integrar os sistemas de ensino. Nesse sentido, pode-se concluir que as Colônias de Férias surgiram como uma possibilidade educativa, dentre outras existentes, visando dar continuidade ao trabalho da escola por meio da recreação.

Como a escola, nessa época tinha como objetivo a manutenção da ordem social, percebe-se o caráter assistencialista[1] que as Colônias de Férias da época possuíam. Além disso, as colônias de férias tinham como objetivo ocupar o tempo livre dos filhos dos militares no período de férias escolares ocupando com atividades físicas e consequentemente estimulando-os pelo gosto das mesmas, despertando também o desenvolvimento do espírito de equipe, da ação comunitária, do espírito esportivo, da liderança, entre outros (STEINHILBER, 1995). Em relação aos profissionais envolvidos nos programas, era de responsabilidade deles o dever de apresentar propostas de carater socializador, de modo a manter os participantes ocupados, evitando que a desordem se estabelecesse.

Ainda segundo Stenhilber (1995), nas décadas seguintes, 50/60 mais especificamente, as Colônias de Férias passaram a ser realizadas em conjunto entre o Governo e as Unidades Militares. Essa última cedia o espaço e o apoio logístico e cabia ao governo comandar a parte pedagógica, os professores responsáveis pelo desenvolvimento das atividades e quando necessário o fornecimento de lanches. Posteriormente, esse fornecimento passou a ser realizado por empresas privadas que ofereciam patrocínios aos programas de Colônias de Férias. A partir dessa vinculação dos programas com as empresas privadas, podemos afirmar que a partir dessa década surgiram algumas iniciativas privadas de programas de Colônia de Férias, promovidas por entidades particulares.

Contursi (1983), além dos objetivos das colônias apresentados acima de ser um espaço educativo, socializador, de promover uma formação da cidadania responsável, consciente de seus deveres cívicos, com plena compreensão da vida em comunidades, as Colônias de Férias também tinham o objetivo de possibilitar o contato dos participantes com a natureza. O autor cita a Colônia de Férias da Associação Cristã de Moços (ACM) como exemplo, em que os participantes, em sua maioria residentes de grandes cidade, tinham a necessidade de conhecer e identificar-se com a natureza e precisavam aprender a Amá-la e respeitá-la, bem como aprender como utilizar dos recursos que ela oferece.

---

[1] Para saber mais sobre recreação como assistencialismo ver Miranda (1942).

Malta (1973) definiu Colônia de Férias como o conjunto de atividades, principalmente com caráter físico esportivo, desenvolvidas em determinado local, por professores de educação física, para um número considerável de crianças durante o período de férias escolares. Nessa época as Colônias de Férias tinham como objetivo proporcionar as crianças a oportunidade da prática orientada de atividades recreativas e culturais, estimular o gosto pela prática de atividade física, despertar e desenvolver através dos jogos o trabalho em equipe e da ação comunitária. Era muito presente também a influência militar, porque tinham como objetivo a prática cívica, através do canto de hinos e hasteamento de bandeiras. Segundo Malta (1973), a realização de uma Colônia de Férias trata-se de proporcionar alegria, de incentivar, de despertar o interesse, de buscar a participação alegre e voluntária das crianças.

Steinhilber (1995) afirma que existem basicamente dois tipos de Colônias de Férias: uma é apenas instalação e a outra é um programa. A primeira delas possui instalações próprias, com locais para a pratica de atividades lúdicas e desportivas, geralmente sem orientação específica de profissionais. São instalações particulares de empresas, associações e sindicatos. O segundo tipo de colônia pode ser compreendido como um conjunto de atividades desenvolvidas em determinado local, por um grupo de crianças sob a orientação de professores especializados, nos períodos de férias escolares.

Atualmente, as Colônias de Férias são caracterizadas como espaços organizados para a vivência de lazer das pessoas em seus períodos de férias, existindo dois tipos de Colônia de Férias. O primeiro tipo de Colônia de Férias consiste em espaços, geralmente pertencentes a empresas, sindicatos ou associações, colocados à disposição dos funcionários ou associados para a estada em viagens e outras experiências de lazer. Nesse caso não há atuação de animadores culturais e nem um planejamento específico a ser seguido, funcionando durante o ano todo e frequentado por pessoas de diferentes faixas etárias.

O segundo tipo de Colônia de Férias é caracterizado pela utilização de um espaço (que podem ser clubes, escolhinhas esportivas e escolas) que para proporcionar vivências de lazer aos participantes, contam com uma programação fixa a ser seguida e desenvolvida por animadores culturais, ocorrendo somente no período de férias escolares, voltado apenas para crianças e adolescentes.

Entendidas como serviço que atende a necessidade de ocupação do tempo livre das crianças em seu período de férias (SILVA, 2008), as Colônias de Férias visam alcançar os seguintes objetivos: atender aos pais que trabalham e não tem onde deixar os filhos nas férias escolares, desenvolver a criatividade e o divertimento dessas crianças e favorecer a socialização entre elas. Sendo assim, e principalmente sobre a ótica capitalista, na atualidade

as Colônias de Férias conquistaram seu lugar como “produto” a ser consumido pelos indivíduos no período de férias.

Segundo o Artigo 6º do Capítulo II, da Constituição Federal de 1988, todo cidadão tem como direito social a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, entre outros. Além disso, no Artigo 227, dessa mesma constituição, fica explicito que o Poder Público incentivará o lazer como forma de promoção social. Apesar disso, as práticas relacionadas as Colônia de Férias ainda padecem de reconhecimento enquanto direito social ao lazer garantido a todos os cidadãos (SILVA, 2008). Podemos exemplificar a idéia acima a partir de um estudo feito por Souza (2003), em que a maioria das Colônia de Férias que acontecem na cidade de Belo Horizonte, vem sendo realizadas por instituições particulares, pois as iniciativas públicas parecem ser cada vez mais raras no País.

Na década de 70, Malta (1973) descreve como deveria ser composta a equipe de trabalho nas Colônias de Férias. Para o autor, a equipe deve ter um diretor, um coordenador, professores e monitores, um médico e um enfermeiro, um datilógrafo (que naquela época se fazia necessário para registrar todos os momentos de realização do projeto) e auxiliares. Dependendo do espaço disponível e dos recursos materiais, o número de crianças envolvidas poderia ser ajustado, consequentemente o número de pessoas na equipe também sofreria alterações. Diferentemente do que propõe malta, Silva (2008) afirma que a equipe da Colônia de Férias deve ser composta pelo gestor, animadores e pessoas que auxiliarão no processo, mas que não estarão totalmente envolvidas nas atividades no período de realização da Colônia de Férias.

Destrinchando essas tarefas da equipe envolvida, temos que a figura do diretor, ou gestor, é a responsável por todos os momentos que antecedem a execução do projeto, aos momentos de desenvolvimento do projeto e também de avaliação. Cabe a ele supervisionar as demais seções das equipes, promovendo reuniões e mantendo a interlocução com a equipe de animadores, para solucionar possíveis problemas que aparecem no decorrer do processo de organização e execução da Colônia de Férias.

Os animadores assumem a responsabilidade de planejar as atividades que serão desenvolvidas e executá-las no período de realização da colônia, passando a ser os mediares entre a herança cultural e o repertório trazido pelas crianças (SILVA, 2008).

Além dessas funções explicitadas acima, algumas funções são atribuídas a equipe que gerencia o projeto, e que segundo Malta (1973) devem contemplar o delineamento das normas e diretrizes do projeto, a seleção dos espaços que serão utilizados para as atividades, a convocação dos animadores que irão atuar, a preparação das atividades, o levantamento do

material necessário para cada atividade, esquematizar a maneira como ocorrerão as inscrições, dividir as crianças em turmas, entre outras tantas outras.

Ainda segundo Malta (1973) para que se tenha uma boa organização, as medidas preliminares devem ser tomadas anteriormente. Silva (2008) também propõe que algumas atividades relativas a organização deve acontecer com um período prévio. A elaboração e efetivação de um plano de divulgação do projeto, orientação dos setores envolvidos direta ou indiretamente, a elaboração e documentação dos dados fundamentais (ficha de inscrição, termo de responsabilidade, ficha de saúde, entre outros), verificação de condições e de disponibilidade dos espaços previstos, elaboração de um quadro geral de providências, divisão das equipes de animadores, elaboração de listas de materiais que serão utilizados e contratação de prestadores de serviço, são etapas fundamentais para o que o trabalho seja bem desenvolvido.

Logo após a seleção dos animadores, segundo Malta (1973), é preciso realizar um pequeno estágio visando atualizar aquilo que eles já conhecem e passar algumas informações acerca do funcionamento da colônia pretendida. Alguns tópicos sugeridos para esse pequeno estágio são: finalidade da colônia; diretrizes a serem seguidas; orientações gerais; cuidados especiais, procedimentos em situações diversas, entre outros. A partir dessas idéias, podemos concluir que o que Malta está chamando de estágio pode ser um momento formativo aos animadores que atuavam em seu projeto. Mas e hoje, como acontecem as formações em colônias de férias? Para que essa pergunta possa ser contemplada, nos apoiaremos em um exemplo do projeto de colônia de férias realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na tentativa de compreender como se dá a formação profissional dos animadores envolvidos no projeto.

3. A COLÔNIA DE FÉRIAS NO CAMPUS UFMG – UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO LAZER

Uma das possibilidades de intervenção que possibilita a formação profissional do lazer são as colônias de férias. Nesse sentido minha análise será realizada sobre uma ação desenvolvida no curso de graduação em Educação Física da UFMG pelo grupo, denominado Programa de Educação Tutorial (PET) - Educação Física e Lazer. Esse programa possibilita aos alunos de graduação participação em diferentes ações de ensino, pesquisa e extensão.

Criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1979, é atualmente desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) supervisionado pela Secretaria de Educação Superior (SESu). O PET visa proporcionar aos alunos de graduação de diferentes universidades públicas e privadas do país, atividades extracurriculares que contemplem essa tríade universitária, para contribuir na melhoria da formação acadêmica desses estudantes. Como o nome do programa sugere, para que essas atividades sejam desenvolvidas, os alunos possuem a orientação e supervisão de um professor tutor.

Para participar do programa é necessário que o aluno passe por um processo seletivo e caso seja aprovado poderá permanecer no grupo até o final de sua graduação, recebendo como ajuda de custo para o desenvolvimento das atividades uma bolsa com valor semelhante a bolsa de iniciação científica dos órgãos de financiamento a pesquisa.

No PET, as atividades de ensino são aquelas que pretendem atingir outros estudantes da graduação não-bolsistas do programa. Assim são desenvolvidos seminários, palestras, debates e cursos acerca de diferentes temáticas que englobam, no caso do PET – Educação Física e Lazer as temáticas de lazer e educação física. As atividades de pesquisa são desenvolvidas por cada petiano[2] no decorrer do período em que ele permanece no grupo. Essas pesquisas, muitas vezes, se referem as atividades e reflexões acerca dos projetos desenvolvidos pelo grupo. Podem ser realizadas individualmente ou em pequenos grupos, ficando a critério de cada PET decidir a maneira como a pesquisa conduzida. E por fim, as atividades de extensão que, geralmente são de natureza prática, e visam atender a comunidade acadêmica em geral, com ações diversificadas de atividade física, esporte e lazer.[3]

---

[2] Nome atribuído ao aluno de graduação que faz parte do grupo PET.

[3] Para saber mais sobre o programa PET ver Manual de Orientações Básicas, disponível em www.portal.mec.gov.br/pet

Criado em 2003, o PET – Educação Física e Lazer, no quesito extensão, não possuía um projeto próprio até o ano de 2009. Assim os alunos bolsistas participavam de projetos já existentes na universidade em áreas relacionadas à educação física, ao lazer e à educação. Ao longo de discussões acerca da extensão universitária o grupo sentiu a necessidade de atuar em um projeto próprio que relacionasse os estudos com a atuação em lazer. Como um de seus projetos de extensão, o PET – Educação Física e Lazer realiza, desde o ano de 2009, a Colônia de Férias no Campus (CFC) – UFMG.

A CFC acontece no período de uma semana nas férias escolares de janeiro e julho, nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG e em espaços culturais da cidade de Belo Horizonte. No projeto são atendidas cerca de cento e setenta crianças, atendendo filhos de servidores (técnico-administrativos, funcionários e terceirizados), professores e de alunos da UFMG, com idade variando entre seis e treze anos.

Como objetivos a CFC pretende possibilitar a ampliação do universo cultural das crianças participantes da colônia através da vivência dos conteúdos culturais do lazer; possibilitar experiências ao processo de formação e atuação profissional dos atores envolvidos na organização e execução da colônia de férias; fomentar ações interdisciplinares no campo do lazer; e dar continuidade ao processo de educação para e pelo lazer com as crianças participantes das edições anteriores da colônia de férias.

Para que esses objetivos da CFC sejam alcançados se faz necessário que haja uma equipe de gestores e animadores, composta por doze alunos de graduação integrantes do grupo PET e outros estudantes de graduação em diferentes áreas.

Caracterizada como uma iniciativa pública, para que a criança participe não é cobrada nenhuma taxa de inscrição, pois o custo é subsidiado pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da UFMG e conta com a parceria da EEFFTO, da Estação Ecológica, do Museu de História Natural e Jardim Botânico, do Departamento de Logísticas e Suprimentos Operacionais (DSG), da Pró-Reitoria de Recursos Humanos (Pró-RH), da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (DAE), Espaço Tim/UFMG do Conhecimento e da Fundação Mendes Pimentel (FUMP).

A primeira edição da CFC aconteceu em julho de 2009 e no decorrer dos quatro anos de existência sofreu algumas alterações, dentre elas a quantidade de crianças atendidas. Em 2009 foram atendidas cerca de cem crianças e a equipe executora do projeto contava com vinte animadores. Com o aumento de crianças o número de animadores passou a ser de trinta. Desses, doze são bolsistas do PET e dezoito são alunos dos cursos de Educação Física,

Turismo, Belas Artes, Música e outros cursos que estudam a temática do lazer. Até a última edição, os animadores eram escolhidos pelo PET segundo o critério de afinidades com os bolsistas do programa. Para a oitava edição que já está sendo planejada para julho de 2013, haverá um processo seletivo para os animadores interessados, que segundo o gestor terá como uma das etapas de seleção a participação desses animadores no processo de formação.

Como a CFC se caracteriza como uma colônia de férias temática, cada edição tem um tema norteador para as atividades que serão desenvolvidas que segundo Silva (2008), a escolha de um tema pode ser enriquecedor, permitindo um eixo norteador que tenha inserções no cotidiano do público atingido, que no caso são as crianças. Dessa forma, os temas já realizados foram: “Eu amo minhas férias em BH radicalmente” (III CFC), “Minhas Férias em 3D” (IV CFC), “Uma viagem em cinco dias” (V CFC), “ Se essa rua fosse minha...” (VI CFC) e “Canal Colônia” (VII CFC). Para a próxima edição “é Made In BraSil com S maiúsculo. Então vamos falar das brincadeiras do Brasil, mas sobretudo das brincadeiras de Minas Gerais” (Gestor da CFC). Cabe aqui ressaltar que a CFC se tornou temática a partir de sua terceira edição, por isso foram desenvolvidos até o momento cinco temas.

Em relação aos temas, esses são propostos apenas pelos animadores bolsistas do PET a partir de um diagnóstico feito no decorrer da edição anterior da CFC. Logo após cada dia de execução de atividades na semana da colônia de férias, os animadores se reúnem para uma pequena reunião, em que são conversados pontos acerca do andamento das atividades e do comportamento das crianças ao longo do dia. Essa reunião diária auxilia no momento do grupo propor um novo tema para a próxima edição, com base no que as crianças demonstraram na edição anterior.

Sobre a semana de execução das atividades, as crianças são recebidas pelos animadores as oito horas da manhã no ginásio da EEFFTO. Nesse espaço elas recebem um lanche da manhã antes do início das atividades que irão durar até cerca de meio dia, horário que são encaminhadas para o restaurante universitário para realização do almoço. Logo após o almoço, as crianças retornam para a EEFFTO para darem sequencia as atividades do turno da tarde, que se encerra as dezessete horas com o lanche da tarde. Como já foi citado, logo após as crianças irem embora os animadores se reúnem para realizarem a reunião diária, com o objetivo de esclarecer alguns acontecimentos do dia e se organizarem para o dia seguinte.

Para que essa organização da CFC possa acontecer, o PET conta com o apoio do DSG para o fornecimento de ônibus da universidade para realização do transporte das crianças até o restaurante universitário e o retorno para a EEFFTO, além da visita a outros espaços da cidade de Belo Horizonte, e também o apoio da FUMP para servir o almoço para as crianças e

animadores envolvidos no projeto. E para que essas parcerias sejam feitas, o grupo PET se divide em pequenas comissões. Existem cinco comissões: Comissão Financeira (que busca os recursos financeiros necessários junto a PROEX); Comissão de Inscrição (responsável por receber e organizar a inscrição de todas as crianças participantes, bem como dividi-las em turmas de acordo com a faixa etária); Comissão de Materiais e Transporte (responsável por organizar e comprar todos os materiais de consumo que serão utilizados nas atividades, além de realizar contatos com o DSG para reserva de ônibus que ficará disponível para a CFC); Comissão de Alimentação (realiza contato com a FUMP e com fornecedores de lanches); e a Comissão de Formação (responsável por selecionar os animadores e realizar a formação profissional na CFC, bem como coordenar o processo de avaliação do projeto).

Dessa forma, toda a logística da CFC é proposta não apenas pelo gestor do projeto, mas também pelos bolsistas do PET – Educação Física e Lazer. Segundo o gestor da CFC

> nós dividimos a organização da colônia em comissões. Tem a comissão financeira, tem a comissão de inscrição, tem a comissão de alimentação e transporte, enfim... E uma das comissões é a comissão de formação. Eu escolho alguém do PET mais experiente que vai fazer essa formação. (Gestor da CFC)

Essa comissão então planeja as atividades da formação pensando em dois principais elementos: formação teórica sobre o campo do lazer e sobre o tema da colônia e o acompanhamento do planejamento das atividades, para que todos tenham conhecimento do objeto com o qual irão atuar, bem como em apresentar ao demais animadores que não são bolsistas do PET como se dará a organização, execução e avaliação do projeto da CFC.

Além disso, essa comissão de formação é responsável pelo processo de avaliação do projeto. A avaliação é feita após a execução da semana da CFC, sendo que os pontos avaliados remetem a CFC em geral, passando pelas questões de organização, como inscrição das crianças, busca de parceiros, entre outros; passando pela execução da colônia, como transporte e alimentação, locais visitados, atuação dos animadores; e passando pela avaliação do projeto, como o questionário aplicado aos pais e relatórios das turmas. Porém, em relação a formação profissional, não existe uma avaliação específica e sistematizada.

Se tratando especificamente da formação profissional do lazer, diferente de outros espaços que possuem como objetivo a ocupação das crianças em seus períodos de férias e o atendimento aos pais, a CFC se caracteriza também como espaço de formação e atuação dos profissionais do lazer. Isso porque é um projeto de extensão do grupo PET – Educação Física

e Lazer e que de acordo com Marcellino (2000) funciona como laboratório de pesquisa experimental. Segundo o gestor da CFC:

> atuar na colônia é uma possibilidade legal de intervenção qualificada. É onde você tem aí a possibilidade de reflexão. (...) Vejo nos monitores uma satisfação muito grande de estar atuando, porque eles recebem uma formação legal (...). A proposta é que a colônia realmente seja um laboratório, um laboratório de educação, um laboratório de intervenção, um laboratório de reflexão" (Gestor da CFC)

Caracterizada com um possível espaço de formação do profissional do lazer, a CFC apresenta diferentes etapas no processo de formação dos animadores. São elas: um curso introdutório, reuniões de formação, reuniões de planejamento das atividades e a execução das atividades planejadas. Mas essa formação nem sempre aconteceu dessa maneira.

Será realizada a oitava edição no mês de Julho de 2013 e diversas mudanças aconteceram nesse trajeto, conforme nos lembra o gestor do projeto, quando questionado sobre as etapas do processo de formação dos animadores. Para o gestor o processo de formação "foi modificado. Foi se aperfeiçoando. As primeiras edições eram mais reuniões do pessoal do PET e uma reunião final com todos os monitores" (Gestor da CFC), sendo que essa reunião final acontecia alguns dias antes da semana de atividades da CFC com o intuito de alinhar questões essenciais para a execução das atividades.

Portanto a formação dos animadores é fruto de um processo que vem sendo constantemente repensado. Exemplifico o exposto acima a partir da primeira etapa de formação, o curso introdutório. Este curso, que está sendo implementado para a oitava edição, será realizado no decorrer de um dia totalizando oito horas/aula, com o objetivo de apresentar aos animadores

> elementos do ponto de vista teórico, do lazer, sobre as colônias de férias. Então é importante o monitor compreender como é a história das colônias de férias, pra quê elas serviram, a questão da colônia ser temática, o que é isso que a nossa colônia se diferencia das outras. Basicamente o curso é isso, uma discussão teórica e oficinas de montagem de projetos, de temas e atividades (Gestor da CFC).

Sobre a primeira edição da CFC não foram encontrados documentos que apresentam como era realizada a formação dos animadores, mas segundo o gestor nessa edição eram realizadas apenas reuniões dos bolsistas do PET e uma única reunião com os demais animadores.

A partir da segunda edição da CFC, as reuniões de formação passaram a acontecer no decorrer de dois meses que antecedem a realização da CFC, ás segundas-feiras, com duração de cerca de três horas cada encontro. Na primeira reunião, os animadores recebem informações gerais sobre a logística do projeto da CFC, bem como sobre a execução e seu funcionamento, tendo em vista compreender como irão atuar.

Nas demais reuniões de formação são realizadas discussões, com base em textos científicos e artigos acerca do tema da colônia, bem como palestras e falas de professores que atuam na área e estudam determinado tema da edição da CFC.

A terceira etapa da formação dos animadores é a montagem da programação. Como a CFC atende crianças com idade entre seis a treze anos, essas são divididas em turmas por faixa etária, 6-7 anos, 8-9 anos, 10-11 anos e 12-13 anos. Dessa forma, os animadores também são divididos, sendo que na mesma turma têm animadores mais experientes, que já participaram de outras edições da CFC e animadores que estão participando pela primeira vez. Toda a programação das atividades é proposta pelos animadores de determinada grupo e discutidas posteriormente entre todos os participantes do processo de planejamento e com o gestor do projeto.

E por fim, a última etapa de formação envolve a execução das atividades e é nessa etapa que os animadores terão a oportunidade de intervir experenciando os problemas e convivendo com o público alvo, bem como vivenciar a relação teoria e pratica.

3.1. Em que tempo e espaço acontece a formação na CFC?

A formação profissional dos animadores da CFC pode ser dividida em dois momentos: 1) fase que antecede e a semana de execução das atividades com as crianças participantes, e 2) fase de avaliação do projeto e fase pós execução das ações. O primeiro momento de formação contempla as seguintes etapas: curso introdutório, reuniões de formação, planejamento e execução das atividades. O segundo momento refere-se aos trabalhos produzidos pelos animadores acerca da temática da colônia de férias e relatos de experiências sobre o desenvolvimento da CFC, que veremos melhor um pouco mais adiante.

O projeto da CFC começa a ser planejado e sistematizado pelo PET – Educação Física e Lazer cerca de quatro meses antes da semana de execução. Dessa forma, os petianos iniciam seu processo de formação em um período anterior aos outros estudantes envolvidos, que SÃO envolvidos no processo cerca de dois meses antes do período de execução das atividades.

Dessa forma, acontecem oito reuniões de formação, que visam discutir aspectos teóricos acerca do tema da edição da colônia, a partir disso, entendo que a formação na CFC pode ter como ênfase a busca do conhecimento e da reflexão sobre a prática. A formação profissional na CFC busca, segundo as idéias de Isayama (2005), ser uma formação que rompe com a visão de uma formação tecnicista, se caracterizando como uma formação que visa uma práxis consciente, pautada também na competência técnica, mas contemplando a competência científica, política, filosófica e pedagógica, não esquecendo de se pautar no conhecimento da realidade.

Os animadores que participam da execução da CFC são estudantes de graduação de diferentes cursos que podem estabelecer relações com a temática do lazer no contexto da UFMG. Assim, todo o processo de formação acontece nas dependências da própria universidade. No entanto, o segundo momento pode acontecer em outros espaços, tendo em vista a ideia denominada pelo gestor da CFC como formação ampliada e envolve a divulgação dos trabalhos realizados a partir do projeto. Dessa forma,

> algumas pessoas do PET já tiveram envolvidas com apresentações de trabalhos sobre a colônia, já escreveram artigos sobre a colônia, trabalhos para revistas, capítulos de livros, isso tudo acaba fazendo com que esse pessoal que está diretamente envolvido no projeto da CFC tenha uma formação diferenciada (gestor da CFC).

Na tentativa de aproximar essa formação com as idéias colocadas por Shön (1992) após a realização de determinada edição da colônia, os animadores escrevem trabalho para compartilhar em eventos acadêmicos, na buscar por maiores discussões e reflexões sobre essa temática de colônia de férias e também para apresentarem uma experiência acerca de diferentes elementos do campo do lazer envolvidos nesse projeto. Para o gestor da CFC

> pensando na formação mais ampliada, nós temos participado de congressos, levando trabalhos, levando nossas experiências, e já soube que o PET do Espírito Santo está fazendo um trabalho semelhante ao nosso, uma colônia na universidade, com os servidores. Então isso é muito legal, porque você não está formando só as pessoas daqui, você também está levando essa reflexão acerca das colônias para outros lugares, quebrando o método tradicional de ver a colônia de férias (gestor da CFC).

Através dessa troca de experiências no meio acadêmico os animadores têm a oportunidade de refletirem sobre a prática que está sendo realizada na CFC, para

posteriormente realizarem uma nova edição da colônia de maneira diferente da anterior, o que corrobora com as idéias de Shön (1992) acerca da reflexão-na-ação.

3.2. Os conteúdos da formação

Nas reuniões de formação que acontecem ás segundas-feiras no decorrer de dois meses anterior a semana da colônia, os animadores realizam discussões a partir de um referencial teórico. Em algumas edições, são convidados profissionais que possuem estudos na área e têm interlocução com o tema da edição da colônia. Indo ao encontro com as idéias colocadas por Isayama (2005) que afirma ser importante que um "bom referencial teórico possibilita a compreensão da prática a partir de novos olhares, permitindo a consolidação da práxis".

Percebo que na CFC os animadores procuram não recebem as atividades prontas, como "receitas" que devem ser seguidas e realizadas com as crianças envolvidas, mas buscam uma formação que visa articular a teoria com a prática, no intuito de instigar os animadores a refletirem sobre sua prática.

Na primeira reunião de formação, os animadores recebem informações acerca do que o gestor chama de logística da CFC. Essas informações envolvem questões como "a chegada das crianças, como que é a divisão das turmas, da permanência durante o dia, o almoço, a saída, a avaliação, inscrição, enfim toda essa logística" (Gestor da CFC). Essa primeira parte tem de desenvolver um conhecimento ligado a técnica, por isso, o animador receberá as informações técnico metodológicas acerca do andamento da semana de execução das atividades. Essa aspecto da formação é ministrado em um período curto de tempo em relação a segunda perspectiva de formação, em que a formação se concentra no conhecimento, na cultura e na crítica.

Isayama (2004) propõe quatro pontos fundamentais que orientam as ações de lazer. Na CFC é possível perceber que a formação dos animadores contempla os dois primeiros pontos diretamente, mas não deixa de relacionar os demais. Portanto, o projeto analisado desenvolve a unidade entre teoria e pratica e a característica multidisciplinar do lazer.

Na tentativa de realizar um trabalho simultâneo entre teoria e prática os animadores da CFC realizam sua formação pautada em um referencial teórico ao mesmo tempo que se dedicam a partir desse referencial a montagem da programação das atividades da CFC. Para que os animadores se familiarizem com o tema de determinada edição da CFC e tenham uma base teórica para propor as atividades relacionadas ao tema, são realizadas leituras e

discussões de textos, artigos, entre outros. A seguir, será apresentado o levantamentos dos textos discutidos em cada edição temática da CFC.

A primeira CFC temática, terceira edição da CFC, aconteceu em Julho de 2010 e teve como tema "Eu amo minhas férias em BH radicalmente". Para esta colônia não foram encontrados registro de discussões de textos e/ou artigos. Os registros, documentos e entrevista realizada com o gestor, demonstram que foram realizadas reuniões de formação e de planejamento das atividades.

Na quarta edição da CFC que teve como tema "Minhas Férias em 3D" e aconteceu em Janeiro de 2011, foram discutidos três textos que retrataram as questões da virtualidade e das possibilidades de se trabalhar essa questão nas atividades da CFC. Os textos discutidos foram: "Antropologia do Ciberespaço" escrito por Jean Segata, "Bons vidiogames e boa aprendizagem" de James Paul Gee, e "O futebol no mundo dos games: reflexões sobre as representações digitais de corpo, movimento e esporte" escrito por Rogério Santos Pereira.

Para a quinta edição, sob o tema "Uma viagem em cinco dias", que aconteceu em Janeiro de 2012[4], a equipe responsável pela formação da CFC sugeriu a leitura de quatro textos para discussão entre todos os animadores e três textos para leitura complementar. Dentre os textos de leitura obrigatória para a discussão nas reuniões temos: "Notas sobre a experiência e o saber da experiência" de Jorge Larrosa Bondia, "Experiência e pobreza" escrito por Walter Benjamin, "As cidades invisíveis" de Ítalo Calvino, e o primeiro capítulo do livro "Lazer e Cultura: algumas aproximações" escrito por Nelson Carvalho Marcellino. E para a leitura complementar foram sugeridos "O narrador", escrito por Walter Benjamin, "Cenas da vida pós-moderna", de Beatriz Sarlo, e "A interpretação das culturas", escrito por Clifford Geertz.

Na sexta edição da CFC, para discutir o tema "Se essa rua fosse minha...", desenvolvido em Julho de 2012, foram utilizados quatro textos. São eles: "Tudo ao mesmo tempo agora: Considerações sobre a infância no presente" de Rita Marisa Ribes Pereira, "As crianças e a brincadeira" escrito por José Alfredo Debortoli, "Infância, Sociedade e Cultura" de Maria Cristina Gouvêa, e "Brinquedos Populares: um patrimônio cultural da infância" de João Amado.

E por fim, para a última edição da CFC, que teve como tema "Canal Colônia" e aconteceu em janeiro de 2013, os textos sugeridos foram os capítulos dois e três do livro

[4] Em Julho de 2011 o PET – Educação Física e Lazer optou por não realizar a edição da CFC devido a uma série de empecilhos burocráticos, dentre eles a greve dos servidores e a falta de recursos financeiros.

“Experiência com o lazer em Colônias de Férias temáticas” organizado por Débora Alice Machado Silva, o texto escrito por Martha Benevides da Costa e Augusto Cesar Rios Leiro sob o título “Texto televisivo e educação infantil: conhecimento cotidiano e trabalho pedagógico”, e também uma reportagem do Jornal O Globo denominada “Criança, a alma do negócio.”[5]

Posteriormente as discussões desses textos, que foram realizadas entre todos os animadores, as demais reuniões de formação foram destinadas para a montagem da programação das turmas. Essas reuniões foram realizadas entre os animadores responsáveis por cada turma.

Outro ponto que podemos aproximar a formação profissional do lazer na CFC às idéias discutidas por Isayama (2004) é a questão é a característica multidisciplinar do lazer. O PET – Educação Física e Lazer busca manter contato com outros cursos de graduação que estudam questões acerca do campo do lazer para que esses alunos possam fazer parte da equipe de animadores. Assim, entendo que o lazer é uma área multidisciplinar e que os demais cursos podem trazer questões diferentes daquelas levantadas na Educação Física, contribuindo para um enriquecimento das discussões e as ações.

Apesar de não aparecer claramente os outros dois pontos destacados por Isayama (2010) a formação da CFC tem buscado uma formação sólida teoricamente e na questão da formação cultural dos animadores envolvidos, muitas vezes a própria execução da atividade faz com que os animadores possam ampliar suas experiências culturais, seja visitando um lugar da cidade de Belo Horizonte junto com as crianças, seja vivenciando determinadas atividades e contextos.

Dentre os documentos analisados neste estudo, encontramos os quadros de programação geral das atividades das turmas de CFC. Em um deles identifiquei que foram realizadas visitas a museus da cidade de Belo Horizonte, como o Espaço Tim/UFMG de Conhecimento e Cultura e o Museu de Metais, ambos localizados na Praça da Liberdade. Para alguns animadores nessa edição da CFC foi a primeira vez que visitaram esses museus, demonstrando que a CFC também pode ser um espaço para a ampliação de vivências culturais dos animadores. O fato dos animadores programarem as atividades em conjunto e as vivenciarem anteriormente a execução na CFC, também contribui para a ampliação das vivências dos animadores e para a troca de experiências entre eles.

---

[5] Essa reportagem encontra-se disponível em www.youtube.com.br

E por fim, temos a formação continuada no lazer, que não se manifesta para todos os animadores, visto que para alguns é a primeira vez que participam do projeto. Assim, estamos retratando a formação continuada pensando nos animadores que já participaram de outras edições. Esses participam do processo de formação da CFC da mesma maneira que os animadores que estão participando pela primeira vez, então algumas questões debatidas nesse processo de formação são retomadas por esses profissionais.

Podemos exemplificar através da primeira reunião de formação em que a logística da CFC é apresentada. De uma edição para a outra a logística não sofre grandes alterações, assim as mesmas questões que foram tratadas são retomadas. Questões como o que são as colônias de férias, como a colônia de férias se caracteriza como uma espaço de lazer das crianças e discussões propriamente do lazer também são retomadas por esses animadores que já participaram de outras edições da CFC. Assim a formação recebida é atualizada. Apesar da coerção em não participar desse processo por parte daqueles monitores que já participaram de várias edições, o gestor da CFC não abre mão da participação na formação e relata que se o animador não deseja participar dessa formação ele não poderá atuar na CFC, pois esse é um requisito fundamental.

Alguns estudos como de Sant'anna (1994) apresentam que a partir da década de 70, mais especificamente entre os anos de 1969 e 1979, houve um incremento significativo na produção científica sobre o campo do lazer, principalmente porque foi nessa época que as disciplinas de recreação e lazer começaram a fazer parte dos currículos dos cursos de graduação, como foi discutido no capítulo anterior. Essa discussão auxiliou no desenvolvimento de técnicas para sistematizar e organizar os momentos de lazer dos indivíduos, bem como, conseqüentemente, fez surgir cursos centrados em receitas de atividades já prontas (ISAYAMA, 2005).

Existem alguns casos específicos em que os profissionais de diferentes cursos que se relacionam com a temática do lazer, buscam em sua formação as ditas receitas prontas de atividades, excluindo do processo de formação os momentos de reflexões sobre a sua prática e apenas reproduzindo o que já vem sendo feito. É preciso, segundo Marcellino (2000) que as universidades não forneçam essas receitas de atividades, mas propiciem a formação desses repertórios vivenciados e refletidos, que não sirvam como algo concreto que deve ser seguido, mas que sirvam como base para o inicio das atividades profissionais, constantemente aprimoradas. No caso da CFC existe um movimento de coerção por parte de alguns animadores que tentam não participar desse processo de formação, que se faz na visão da

equipe de gestores da CFC tão importante e indispensável, e que corrobora com as idéias de Marcellino (2000), se caracterizando como um espaço reflexivo.

3.3. Os sujeitos e suas experiências

Compreendendo que os animadores da CFC estão atuando com o intuito de desenvolver com as crianças participantes a educação para e pelo lazer, podemos aproximar a ideia dos animadores como docentes deste espaço de educação. A partir disso, existem diversos estudos que apresentam características acerca do saber da experiência para a atividade docente.

Antes de compreendermos o que é o saber da experiência, segundo Bondía (2002), é preciso compreender o que a própria palavra experiência tem a nos dizer. Experiência vem do latim e*xperiri*, que significa provar, no sentido de experimentar. "A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova" (BONDÍA, 2002, p. 25). Refletindo sobre a palavra *experiri*, temos o radical *periri* que em grego indica travessia, e *ex* de exterior e de existência, indicando que a experiência é a passagem da existência de um ser que não tem essência, mas que existe de forma singular, finita e contingente (BONDÍA, 2002).

Assim Bondía (2002, p. 21) define que a "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece." Para que a experiência aconteça de fato é preciso refletir sobre o que nos acontece ou o que nos passa. Dewey (1952) afirma que a atividade por si só não se caracteriza como experiência. Dessa forma:

> A experiência na sua qualidade de tentativa subtende mudanças, mas a mudança será a transição sem significação se não se relacionar conscientemente com a onda de retorno das conseqüências que dela defluam. Quando uma actividade continua pelas conseqüências que dela decorrem a dentro, quando a mudança feita pela acção se reflete em uma mudança operada a nós, esse fluxo e refluxo são repassados de significação (DEWEY, 1952, p. 192).

Segundo Bondía (2002) existem alguns fatores que atuam no sentido de dificultar a experiência, que são: excesso de informação, excesso de opinião, falta de tempo e excesso de

trabalho. Para o autor “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (BONDÍA, 2002, p. 21). Vivemos em uma sociedade da informação, em que os sujeitos cada vez mais buscam se manter informados, o que faz com que nada aconteça a esses sujeitos. Para que haja experiência é preciso separá-la da informação ealém disso, o sujeito que está bem informado opina sobre tudo o que se passa ocasionalmente, sem refletir sobre essas informações que o cercam, anulando mais uma vez possibilidades de experiências.

Um terceiro fator, a falta de tempo remete que tudo que nos acontece, acontece rapidamente. A velocidade com que as coisas nos passam impedem que tenhamos uma conexão significativa com os acontecimentos, impedindo também a memória. Por fim, intimamente ligado a esse terceiro fator, temos o excesso de trabalho, que muitas vezes é confundido com o ganho de experiência, assim, o trabalho pode gerar experiência, mas desde que as atividades desenvolvidas possam ser refletidas.

Segundo os estudo de Schön (1992) é preciso que a prática docente se paute na reflexão-na-ação. Assim, após as atividades o animador poderá pensar no que aconteceu e dar sentido aos acontecimentos, e posteriormente repensar na maneira como deverá conduzir suas ações a partir dessa reflexão. Na CFC, após cada dia de execução das atividades, os animadores se reúnem com o gestor do projeto para realizarem a reunião diária, em que trazem algumas questões acerca dos acontecimentos do dia. Assim, coletivamente, os animadores realizam o que se aproxima das idéias apontadas por Shön, uma reflexão a partir de sua ação, ou seja, existe uma valorização da prática profissional como construtora de conhecimento, pois é através da reflexão de suas ações em determinado dia que os animadores poderão atuar diferentemente no dia seguinte da colônia ou na ação seguinte.

No momento da atuação profissional, existem duas classificações de experiência que podem interferir nas ações do profissional do lazer. Segundo a entrevista realizada com o gestor da CFC, esses fatores estão diretamente envolvidos na atuação dos animadores da CFC. São eles: experiências anteriores dos profissionais e experiência a partir do exercício profissional.

Em sua fala o gestor da CFC afirma que:

> Todo mundo já vem com uma determinada bagagem, é engraçado que o pessoal do PET diz assim: ‘fulano atua na colônia lá de não sei aonde né’, bom todos trazem alguma coisa (Gestor da CFC).

Assim todos os alunos de graduação, mesmo os que não estão envolvidos com o projeto da CFC, já trazem para o ambiente acadêmico uma determinada carga de experiências que estarão diretamente ligados com a sua formação profissional. No caso do lazer, Sttopa e Isayama (2001) exemplificam que muitos os monitores de acampamentos de férias são ex-acampantes, que acabam sendo contratados por conhecerem a proposta, o que não acontece na CFC, pois os animadores são selecionados independente das experiências anteriores que carregam consigo.

Apesar das experiências anteriores a CFC, os animadores têm a oportunidade de receber uma formação diferenciada e participarem da construção da programação das atividades, que se diferencia dos demais espaços em que apenas os gestores confeccionam as programações.

Em relação as experiência a partir do exercício profissional os animadores a partir de suas experiências nas edições anteriores da CFC, "desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano" que Tardif (2007, p.39) nomeia como saberes experienciais. Para o autor os saberes experienciais são aqueles atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática. "Esses saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou terias. São saberes práticos (...) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana" (TARDIF, 2007, p. 49).

Cabe ressaltar, segundo estudo de Silva (2010) que não é o trabalho em si que gera o saber da experiência, mas sim os sentidos ou não-sentidos das vivencias profissionais para os sujeitos, como sugere Bondía (2002) o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, pessoal e relativo.

Para finalizar, é preciso levar em consideração que o saber da experiência é apenas um dos saberes que envolve a atividade profissional, como nos lembra Tardif (2007)

> o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos construtivos do trabalho docente (p. 11).

Relacionando as idéias de Tardif com a formação que é proporcionada aos animadores, podemos entender que cada animador carrega consigo uma identidade profissional, carrega consigo uma bagagem histórica de vida, e que esses elementos não são

esquecidos no momento em que a formação profissional do lazer é proposta aos animadores da CFC.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo documento da Anfope (Associação Nacional pela formação dos profissional de educação fica claro que nos currículos dos cursos que formam os profissionais da educação, não se pode estabelecer uma relação em que a teoria se sobrepõe a prática ou vice e versa, mas deve se verificar os vínculos existentes entre ambas.

Segundo Werneck (2000) formar significa fomentar um conjunto de idéias e reflexões, criando possibilidades que nos retiremos de posições acomodadas, mobilizando e transformando o outro de alguma maneira. O que o PET – Educação Física e Lazer vêm se comprometendo ao realizar o processo de formação junto aos animadores da CFC corrobora com o exposto acima. Através do curso introdutório, das reuniões de formação, da montagem da programação e da execução da mesma, os animadores têm a oportunidade de sair do comodismo de receber ordens, podem ser autônomos em seus processos de criação e investigação de diferentes temas da realidade, e podem acima de tudo refletir sobre os diferentes conteúdos mobilizados nesses processos, transformando o outro, no caso as crianças, de alguma maneira.

Assim, segundo Isayama (2005), é preciso nos processos de formação de profissionais que atuam e/ou atuarão com o lazer, fornecer elementos para que esses profissionais possam se caracterizar como profissionais críticos, criativos, questionadores, reflexivos, articuladores e que saibam praticar efetivamente as teorias.

O grande desafio que emerge dessa discussão toda sobre formação profissional, acreditando não ser somente na área do lazer, é conseguir formar profissionais capazes de construir ações teórico-práticas. No caso da Formação Profissional do Lazer o desafio que é colocado aos grupos que gerenciam ações formativas é agregar esforços para que os profissionais “sejam capazes de construir coletivamente ações teórico-práticas sobre o lazer significativas, afim de não mascarar ou atenuar os problemas sociais dos sujeitos envolvidos” (ISAYAMA, 2005).

Na CFC existe essa tentativa de formar os animadores que atuarão junto as crianças mais criticamente, fazendo com que esses atores do lazer sejam autônomos, capazes de realizar sua intervenção de maneira consciente e reflexiva, e não meros reprodutores de algo que alguém pensou para eles, além de realizar uma formação pautada na discussão acerca do conhecimento e reflexões da prática. Assim, para atender esse objetivo, a formação na CFC acontece a partir de quatro principais atividades formativas: curso introdutório, reuniões de formação semanais, montagem da programação e execução das atividades.

A presença de animadores que já participaram de edições anteriores perante aos animadores que estão participando pela primeira vez faz com que exista o tempo todo de realização do projeto a troca de experiências, que também gera formação como vimos no decorrer do estudo.

Alguns pontos acerca do projeto da CFC ainda precisam ser repensados, como a avaliação do processo de formação, que segundo o gestor da CFC em relação a avaliação

> Não existe um processo de avaliação da formação. A gente precisa até caminhar para isso. Existe da atuação, junto aos pais e com os próprios monitores, mas da formação não. Isso porque ainda nos falta fôlego. E, são tantas coisas para ver que isso acaba sendo deixado de lado. Mas isso é importante e precisa ser revisto. Precisamos caminhar para aperfeiçoar todo esse processo de formação (gestor da CFC).

Todo o processo de formação profissional na CFC acontece no decorrer de dois meses que acontece a semana de execução da colônia, totalizando cerca de 32 horas/aula de formação, sem contar comas reuniões extras que os animadores marcam entre si, sem passar pelo conhecimento da Comissão de Formação do PET. Apesar de existir esse processo de formação algumas questões permanecem exigindo que novos estudos acerca da formação profissional na CFC sejam realizados. Será que esse tempo de formação é suficiente para atender as demandas dos animadores envolvidos no projeto? Qual a visão que os animadores possuem acerca desse processo de formação?

A CFC se caracteriza como um espaço diferenciado de formação profissional, mas como o gestor do projeto colocou, é preciso que algumas questões sejam aperfeiçoadas para que o projeto possa caminhar para se tornar um projeto ideal.

Cury (1995), citado por Isayama (2003) diz que é importante compreendermos o conflito e a contradição como forma de superarmos a nós mesmos, proporcionando o enriquecimento e a reconquista em nova unidade de nível superior. Assim, apresentamos nesse estudo algumas questões acerca das colônias de férias como um dos possíveis espaços de formação profissional tomando como base uma colônia específica, partindo de conflitos internos dos pesquisadores e com o intuito de superá-los e gerar enriquecimentos nas discussões acadêmicas acerca da temática.

Distante do esgotamento das discussões, levantamos então algumas questões na tentativa de ampliar essas discussões, que necessitam de maiores estudos e debate sobre a formação de profissionais do campo do lazer, ainda mais se tratando de profissionais que

atuam e/ou atuarão em colônia de férias, já que esse espaço de lazer ainda é pouco estudado e discutido.

Além disso, esperamos ter contribuído com o PET – Educação Física e Lazer, para que esse processo de formação dos animadores possa realmente ser repensado no intuito de provocar mudanças significativas que contribuam com o objetivo do processo de formação dos animadores da CFC.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. Verbete Colônia de Férias. In: GOMES, Christianne Luce (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p. 45-48.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** N. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

CONTURSI, Ernani B. Curso de Colônia de Férias. **Revista Sprint**. Jan./Fev. 1983, p.33-40.

DEWEY, John. **Democracia e educação.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1952.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

FARIA JÚNIOR, Alfredo G. Professor de Educação Física: licenciado generalista. In: OLIVEIRA, Victor Mello (Org.). **Fundamentos pedagógicos da Educação Física.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987, p. 15-33.

FERREIRA, Rosana de Almeida. **Formação profissional para atuação em lazer:** algumas reflexões. Congresso de Pós-Graduação da Unimep, 8 ed., 2010, Piracicaba. Disponível em <www.unimep.br>. Acesso em 04 abr. 2013.

GOMES, Christianne Luce & AMARAL, Maria Teresa Marques. **Estudos Avançados do Lazer:** Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Lazer. Brasília: SESI, 2005.

GOMES, Christianne Luce. Verbete Lazer – Concepções. In: _____. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119 - 126.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Recreação e Lazer como integrantes dos currículos dos cursos de graduação em Educação Física.** 2002. 197 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2002. Disponível em <www.bibliotecadigital.unicamp.br> Acesso em 19 abr. 2013.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Recreação e Lazer na Formação Profissional em Educação Física: Reflexões sobre o currículo. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org) **Lazer, Recreação e Educação Física.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 173 – 214.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Verbete Formação Profissional. In: GOMES, Christianne Luce (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 93 - 96.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Um Olhar sobre a Formação Profissional no Lazer. **Licere.** Belo Horizonte: CELAR, n. 1, v. 8, 2005.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Formação profissional no âmbito do lazer: Desafios e Perspectivas. In: _____. **Lazer e estudo:** Currículo e formação profissional. Campinas, SP: Papirus, 2010, p. 9-26.

KUNZ, Eleonor *et al*. Novas diretrizes para o curso de graduação em Educação física: justificativas – proposições – argumentação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 20 (1), p. 37 – 47, set. 1998.

MELO, Victor Andrade de. ... In: **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Goiânia, Volume II, p. 1060-1065, Outubro de 1997.

MALTA, Wenceslau. **Colônia de Férias:** organização e execução**.** Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

MARCASSA, Luciana. Verbete Lazer – Educação. In: Christianne Luce Gomes (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p.126-133.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. O lazer na atualidade brasileira: perspectiva na formação/atuação profissional. **Licere.** Belo Horizonte: CELAR. V. 3, n. 1, 2000.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer:** uma introdução. 4. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A relação teoria e pratica na formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer em estudo:** Currículo e Formação Profissional. Campinas-SP: Papirus, 2010, p. 59-85.

MIRANDA, Nicanor. A casa da criança proletária. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo: ano VII, v. LXXXII, mar./abr. 1942, p. 319 – 322.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli; COSTA, Lamartine Pereira. Educação Física/Esporte e Formação Profissional/Campo de trabalho. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Educação Física/Ciência do Esporte:** intervenção e conhecimento. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, 1999, p. 101 – 127.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça; BARLETTA, Eurídia Ramos. **Notas Sobre a recreação e lazer no âmbito dos cursos de graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina**. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 12, 2000, Balneário Camboriú. Coletânia. Balneário Camboriú: Roca/Universidade do Vale do Itajaú, 2000, p. 113- 127.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **O prazer justificado:** história e lazer. São Paulo: Marco Zero/PNCR/BIC/MTC – CNPq, 1994.

SHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação.** Dom Quixote, Lisboa, 1992.

SILVA, Adriano Gonçalves da. **Trajetórias e construção do saber docente de professores universitários do campo do lazer.** Belo Horizonte: Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. 2010.

SILVA, Débora Alice Machado. **Colônia de Férias Temática:** fundamentando a ação a partir das contribuições de Paulo Freire. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Metodista de Piracicaba, 2008.

SILVA, Silvio Ricardo da & CAMPOS, Priscila Augusta F. Formação Profissional em Educação Física e suas interfaces com o Lazer. In: **Lazer em estudo:** Currículo e Formação Profissional. Campinas-SP: Papirus, 2010, p. 143-161.

SILVA, Silvio Ricardo *et al.* Colônia de Férias: Uma experiência de formação. **Kinesis.** Cascavél: UFSM, n. 2, v. 30, 2012, p. 93 – 102. Disponível em <www.cascavel.ufsm.br/revistas> Acesso em 15 mai. 2013.

SOUSA, Eustáquia Salvador *et al.* **O curso de graduação em Educação Física:** avaliando a formação/ação profissional na UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1995.

SOUZA, Cristiane Queiroz de. Lazer e Colônia de Férias: mapeando o mercado de trabalho na cidade de Belo Horizonte. In: **Coletânea IV Seminário 'O Lazer em Debate'**. Belo Horizonte, 2003, p. 167-175.

STEINHILBER, Jorge. **Colônia de Férias** – organização e administração. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.

STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer, Mercado de Trabalho e Atuação Profissional. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer e mercado.** Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 71 – 100.

TAFFAREL, Celi Neuza Zulke. **A formação profissional da Educação Física:** o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de Educação Física. 1993. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1993.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação Profissional.** 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. **Lazer, Trabalho e Educação:** Relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG/CELAR-DEF/UFMG, 2000.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Recreação e Lazer: Apontamentos Históricos no contexto da Educação Física. In: In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org) **Lazer, Recreação e Educação Física.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15 – 56.

Apêndice A – Lista de documentos da formação da CFC

I CFC – não era temática

- Sem documentos

II CFC – não era temática

- Lista de Presença dos monitores – 1ª Reunião de formação (21 monitores)
- Lista de presença dos monitores – Reunião final antes da CFC (25 monitores)
- Programação geral das turmas

III CFC – Eu amo minhas férias em BH radicalmente

- Lista de presença dos monitores – Reunião de Avaliação (13 monitores)
- Relatórios Diários
- Lista de presença dos monitores – Reunião geral (21 monitores)

IV CFC – Minhas Férias em 3 D

- Cronograma da formação
- Termo de Compromisso – 22 monitores
- Lista de presença dos monitores – 1ª Reunião de formação (20 monitores)
- Lista de presença dos monitores – 2ª Reunião de formação (21 monitores)
- Programação geral das turmas
- Textos - 3

V CFC – Uma viagem em cinco dias

- Cronograma da formação
- Bibliografia indicada
- Textos – 7
- Lista de presença dos monitores – 1ª Reunião de formação (21 monitores)
- Lista de presença dos monitores – Reunião geral (28 monitores)
- Termo de compromisso – 24 monitores
- Relatórios Diários
- Programação Geral das turmas

VI CFC – Se essa rua fosse minha...

- Parte da programação das turmas
- Cronograma da formação
- Bibliografia indicada
- Textos – 4
- Programação geral das turmas
- Lista de presença dos monitores – 1ª Reunião de formação
- Termos de compromissos – 28 monitores
- Lista de presença dos monitores – Reunião de avaliação geral da CFC
- Relatórios Diários

VII CFC – Canal Colônia

- Informações básicas sobre a colônia
- Cronograma da formação
- Bibliografia indicada
- Textos – 4
- Lista de presença dos monitores – Reunião Final (30 monitores)
- Lista de presença dos monitores – 2ª Reunião de formação (22 monitores)
- Lista de presença dos monitores – 3ª Reunião de formação (26 monitores)
- Lista de presença dos monitores – reunião de avaliação geral da CFC (20 monitores)
- Ementa do tema
- Termo de compromisso – apenas modelo

Apêndice B – Roteiro da Entrevista

1. Fale sobre sua trajetória profissional e suas relações com o tema Colônia de férias.
2. Quando e por que o Projeto da CFC começou a ser desenvolvido?
3. Quantos estagiários estão envolvidos no projeto?
4. Qual a forma de contratação? Existe alguma remuneração?
5. Existe um processo de seleção para participar projeto?
6. Qual o perfil dos estagiários selecionados para atuar na CFC? Que saberes são necessários para que os animadores atuem?
7. Qual a sua compreensão sobre formação profissional?
8. Como ocorre a formação profissional na CFC?
9. Fale um pouco sobre história da formação nas sete edições já realizadas.
10. Quem planeja e realiza o processo de formação da CFC? Existe alguma parceria no desenvolvimento dessas ações?
11. Como o planejamento da formação é realizado?
12. Que conteúdos são trabalhados na formação dos estagiários?
13. Existem documentos sobre a formação? Quais?
14. Existe um processo sistematizado de avaliação? - Se sim, relate o processo de avaliação da formação da CFC? Quais os instrumentos utilizados? Por que? – Se não, por que não existe?
15. Você acredita que esse tipo de formação atende as necessidades dos participantes envolvidos no projeto? Por que?
16. Gostaria de acrescentar mais alguma informação para finalizarmos?

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: ANÁLISE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO LAZER DOS ANIMADORES DA COLÔNIA DE FÉRIAS NO CAMPUS - UFMG

A graduação em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais está realizando este estudo coordenado pelo Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama, contando com a participação da licencianda Nayara Cristina Albanez.

Esta pesquisa tem como objetivo verificar como a formação profissional em lazer acontece no Projeto da Colônia de Férias no Campus – UFMG. Para isso, participará desta pesquisa pessoas voluntárias que constituem o grupo organizador do projeto.

Para a realização da pesquisa de campo utilizaremos a entrevista semi-estruturada que será gravada, transcrita e analisada para fins desse estudo como fonte de informações. Os responsáveis pela pesquisa se comprometem em garantir o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações que só serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa. Para tanto, os dados coletados serão mantidos no Oricolé – laboratório sobre Formação e Atuação Profissional da UFMG. Os sujeitos serão identificados apenas por um número ou nome fictício escolhido pela equipe de pesquisadores e a identidade dos voluntários não será revelada publicamente.

A entrevista será realizada pessoalmente sendo que a licencianda responsável pela pesquisa irá ao encontro do voluntário, no local que este indicar para a realização da mesma. Esclarecemos que todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade da licencianda, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários.

Acreditamos que este estudo poderá contribuir para suscitar debates sobre lazer e formação profissional, além de possibilitar questionamentos e reflexões sobre o processo de formação no qual os animadores são submetidos no programa. Por isso, a participação dos sujeitos envolvidos no projeto na coleta de dados é tão importante.

Assumimos o dever de tornar público o resultado desta pesquisa e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer etapa do estudo. Asseguramos total liberdade aos participantes que poderão recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas (pesquisado e pesquisador). Disponibilizamo-nos através do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Oricolé – laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337.

Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário favor assinar abaixo dando o seu consentimento formal.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Dr. Hélder Ferreira Isayama
Professor orientador da pesquisa

Nayara Cristina Albanez
Licencianda em Educação Física

Eu,_____, portador do CPF _____ e RG_____, aceito participar da pesquisa intitulada: **ANÁLISE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO LAZER DOS ANIMADORES DA COLÔNIA DE FÉRIAS NO CAMPUS – UFMG.**